

Desenvolvimento em Musicoterapia de Habilidades Comunicativas Não-Verbais em Crianças com Múltiplos Impedimentos: Algumas reflexões.

Lic. Darío A. Valle¹

Resumo: Este artigo contém uma reflexão acerca da destinação de recursos musicoterapêuticos que possam acompanhar o desenvolvimento na atenção aos alunos definidos como crianças com Deficiências Múltiplas ou Multimpedidas e sobre o debate acerca da necessária incorporação de conteúdos específicos que considerem aos sujeitos com tais características.

Palavras chaves: multimpedidos – abordagem – musicoterapia

Abstract: This article tries to reflect on music-therapist resources for holding the developments of multiple-handicaps children, as well as a debate about the necessity of including of specific subjects that consider them.

Keywords: multiple-handicapped – approach – music-therapy

¹ Doutorando em Saúde Mental Comunitária – Universidad Nacional de Lanús / Red Maristán - Europa, Mestrando em Educação Diferencial com Menção em Necessidades Múltiplas – Universidad Metropolitana de Santiago de Chile / Lic. en Psicopedagogía – Univ. CAECE, Musicoterapeuta – UBA / Profesor Especializado en Discapitados – ISPEE. Professor nas Universidades: Nacional de Buenos Aires, Nacional de Quilmes, del Salvador, Instituto Universitario Nacional da Arte - IUNA, ISPPE, Escola de Educação Especial N° 9 e Domiciliar N° 1. valledario@hotmail.com

Já estamos em pleno século 21, um período caracterizado pelas desregulações, a flexibilização e a liberação dos mercados. A pressão exercida pela globalização, uma das inevitáveis heranças dos fins do século anterior, que trouxe como consequência a universalização de costumes e provocado o que Zygmunt Bauman batizou como “modernidade líquida”, onde as pautas e configurações já não estão determinadas e não se revestem de caráter auto evidente. Palavras do mesmo escritor polaco: “... esses códigos e condutas que se podia eleger como pontos de orientação estáveis, e pelos quais era possível guiar-se, escasseiam cada vez mais na atualidade”.

Porém, junto a esta face crítica, pode-se vislumbrar com indubitável otimismo a potencialização de redes de comunicação nunca antes pensadas. Tal é a magnitude destes desenvolvimentos, que até soa estranho que alguém não possua uma conta própria de correio cibernético.

Neste último aspecto, a Educação Especial se viu beneficiada com a possibilidade de difusão de seus serviços à Comunidade. E se bem que ainda reste muito por fazer, não existem antecedentes de tal envergadura a este respeito. Em relação a este tema, pode-se citar o informe de Robbie Bhabha, que declara que nos últimos anos as escolas especiais viram um importante aumento na matrícula de estudantes com profundas incapacidades.

Neste panorama é onde vale o esforço dedicar uma reflexão acerca da destinação de recursos – especialmente humanos – que possam acompanhar estes desenvolvimentos na atenção aos alunos e alunas definidos como crianças com Deficiências Múltiplas ou Multimpedidas. E no que as cátedras de Educação Especial se referem, debater acerca da necessária incorporação de conteúdos que considerem aos sujeitos com tais características.

Procurando uma definição de Multimpedido

Existem basicamente duas definições que são as mais utilizadas. Uma corresponde aos estudos de Orelave e Sobsey, e declara que o Multimpedido se caracteriza por apresentar uma deficiência mental severa ou profunda somada a uma ou mais deficiências sensoriais e problemas de saúde graves, tais como epilepsia ou deficiência renal. Neste tipo de classificação, não é possível falar de multimpedimento senão até os dois anos cronológicos de vida. A segunda conceituação pertence a Associação Americana de Pessoas com Deficiências Severas – TASH, e faz menção a qualquer indivíduo que tenha uma combinação de deficiências que o impeçam de aprender em uma escola para deficiências simples, as que se ocupam de apenas uma deficiência. Por tanto, o sujeito multimpedido necessita de uma abordagem educativa individual. Aqui se incluem as pessoas de todas as idades que necessitam de apoios continuados em mais de uma área de atividade, para que se possam integrar e participar em comunidade.

De todo modo, os que se especializam no trabalho com esta população, tem em conta certas dificuldades na hora de diagnosticar. No primeiro caso das definições, seria um tanto dificultoso

avaliar com certo rigor os indicadores cognitivos, pelo que se tornaria bastante complexo decidir o nível intelectual de um multimpedido. Sabemos que a partir da perspectiva tradicional, chega-se a falar, inclusive, de sujeitos não educáveis. O que deveria se considerar é se isso se deve a impossibilidade própria deste tipo de aluno ou se a questão poderia centrar-se ademais na falta de estratégias adequadas por parte do profissional ou docente para educar.

Isabel Amaral sugere, além dos indicadores cognitivos – que já são complexos de serem observados pelo já dito, – a pauta da comunicação. Neste caso, isto resulta mais facilitador do acesso. Assinalamos, então, como formas particulares de comunicação nestas crianças multimpedidas: uma reduzida oportunidade de experiências e interação com o meio e os outros, dificuldades no tratamento da informação, dificuldades de simbolização, ausência de linguagem, os aprendizados são sempre apoiados, não incidentais, dispõem de menor informação que outras crianças.

De qualquer modo, a autora, coloca a ênfase no que a criança com múltiplos déficits não é uma versão melhor hierarquizada da criança normal. Assim podemos incluir esta noção no cerne do paradigma tradicional do déficit, senão no da diferença.

Algumas dificuldades

Dentro desta mesma teoria, contudo, é possível colocar algumas inquietações inerentes à abordagem com multimpedidos. A este respeito pode-se assinalar que: Existem dificuldades para relacionar o conhecimento acadêmico com o exercício efetivo da tarefa na população com multimpedimentos, As expectativas de êxito no trabalho com multideficiência não são as mais estimulantes. Na realidade é sob o nível das mesmas, A escassa quantidade de profissionais que contam com a formação específica e estão dedicados à tarefa, devido ao fato de que não se conservam em suas funções durante muito tempo.

Princípios sobre a educação de crianças com Múltiplas Deficiências

Pode-se estabelecer algumas orientações básicas acerca deste tipo específico de educação, a partir da Declaração dos Direitos da Criança. Dois destes têm uma direta relação neste aspecto.

O *Direito de Comunicar* é entendido como uma atividade inicial com estas crianças, que permitiria dar lugar à concretização dos demais. O segundo princípio é o de *Garantir um Meio de Comunicação*. Através da implementação deste Direito fica, de algum modo, assegurado o contato e as relações da criança com o meio e com os outros. A seleção deste meio não obriga a decidir de modo excludente que a comunicação seja de caráter necessariamente simbólica.

Nem tudo está resolvido. Interrogações.

Ao decidir por este tipo de trabalho, cabe uma indagação pontual que tente resolver alguns determinados eixos, considerados de certa importância por Isabel Amaral, os quais compartilho: é necessário avaliar como interagem as diferentes deficiências no sujeito, deve-se esquadrihar qual é

o peso de cada deficiência no conjunto criado pela combinação de deficiências, examinar o que e como aprendem as crianças que carecem do acesso a experiências reais e diversas, calibrar qual é o papel da intervenção do profissional, refletir acerca de como determinamos as necessidades de crianças que apresentam Múltiplas Deficiências ou com Multimpedimentos, decidir, em função destas necessidades e estabelecer prioridades em cada caso, delinear quais são os critérios de avaliação e êxito nesta população particular.

Esta lista não é exaustiva, não pretende esgotar as opções de levantamento de questionamentos. Mas sim entendo que servem para o fomento de uma atitude de busca, onde o permanente esclarecimento da temática e o questionamento do papel do docente e do profissional não perca seu caráter de real importância no momento de enfrentar um trabalho com estas características.

Comunicação pré-lingüística e aprendizagem

Partimos de alguns pressupostos que guiam a ação no nível comunicacional para alcançar os aprendizados de ordem significativa: A capacidade de interagir, ainda que em nível não verbal, é fundamental para o desenvolvimento e o aprendizado, Alguns dados do desenvolvimento pré-lingüístico ajudam na intervenção de crianças que não têm acesso a linguagem falada.

Comunicação com pessoas com Déficits Múltiplos

A seguir apresenta-se uma lista das opções comunicacionais com as quais podemos interagir com uma pessoa com Déficits Múltiplos. Esta lista é a seguinte: tônus muscular, olhar, gesto natural, língua de sinais, chave de movimento, expressão facial, chave de objeto, objeto de referência, linguagem oral, sistema braille, auto-agressão, pictogramas, sons/emissão.

De todas elas, podemos selecionar o tônus muscular, o olhar, o movimento, a expressão facial, a postura, os risos e os sons/emissão como as formas que são interpretadas pelo adulto. Pelo que *se o adulto não as interpreta não se consideram comunicação*. Neste sentido, para avaliar a comunicação, sempre devemos considerar, além do aluno, o adulto. Aqui é transcendente o papel do adulto, pois deve estar muito claro o que faz o adulto para comunicar-se e para interpretar o que a criança tenta comunicar. *Não é somente a comunicação do sujeito com Déficits Múltiplos, senão os dois sujeitos da comunicação*.

O que faz a criança com Déficits Múltiplos depende do que os adultos fazem com ela: como nós, adultos, nos comunicamos com ela.

Enquanto nós, que dispomos da possibilidade da linguagem de leitura, escrita e fala, podemos dispor das ferramentas próprias da fonação e audição, de senhas, símbolos e figuras, por outro lado, a criança com Múltiplas Deficiências conta com a opção do movimento, o sorriso, os gestos. Num relance, nos damos conta que os comportamentos da criança e do adulto são diferentes. Resulta,

portanto, fundamental considerar a existência de um código comum para que se possa considerar a possibilidade de qualquer ação significativa e futura nos aprendizados.

Vinculando estes parâmetros com o tema que nos interessa, deveria observar-se como e em que medida as crianças com Déficits Múltiplos podem fazer estas ações. Procurar, em todo caso, que estas condutas da comunicação pré-lingüística possam ser inauguradas a partir do intercâmbio com o adulto.

Crítérios de avaliação

Por último, seria pertinente mencionar as necessidades da população com Déficits Múltiplos no momento de serem avaliados. Sabendo que todo processo de avaliação nunca é alheio à subjetividade, poder selecionar aquelas pautas que nos permitam obter um perfil mais acabado do sujeito y explicitar a Zona de Desenvolvimento Potencial – em termos vigotskianos – para otimizar o trabalho pedagógico e/ou terapêutico.

Nos critérios de avaliação, ter em conta que há dois modos possíveis: Avaliação com referência à Normalidade, Avaliação com base em Critérios Pessoais.

Neste segundo tipo, estes critérios podem ser: Funcionalidade, Necessidades da Família, Comunicação, Motricidade, Aprendizagem – Modo de Aprender – Matriz de Aprendizado, Discernimento Visual e Auditivo, Atividades da Vida Diária – AVD, Social.

Em todo caso, nos últimos seis itens apresentados, observar o desenvolvimento, a funcionalidade e a capacidade de aprendizado que revela cada temática.

Este último estilo de avaliação permite contemplar as necessidades reais de uma criança em particular. E no caso concreto das crianças com Impedimentos ou Déficits Múltiplos, o nível de subjetividade não se deve descartar.

O Papel do Musicoterapeuta no trabalho com Crianças com Impedimentos Múltiplos

Em função do exposto, não fica margem para duvidar que os aspectos da Comunicação constituam o suporte fundamental que darão origem a toda atividade educativa ou terapêutica com crianças que apresentem Impedimentos Múltiplos.

Vamos nos referir à tarefa que é possível realizar a partir do nível Não-Verbal, entendendo que ao aplicar o mesmo na tarefa com Déficits Múltiplos, nos referimos ao tipo de Comunicação da criança incapaz de utilizar palavras, em termos da Metodologia para a Comunicação e Educação baseadas no Movimento, desenvolvida por Van Dijk e seus colaboradores no Instituto de Saint Michielgestel de Holanda.

Esta equipe de investigação focalizou o desdobramento de suas técnicas em princípio com crianças surdas, adaptando-as logo ao tratamento de surdos-cegos. Atualmente a proposta está sendo considerada para a abordagem em outras multideficiências, com resultados mais que satisfatórios.

As atividades se iniciam respeitando o contexto natural da criança e nos momentos em que normalmente estas têm lugar. Considera-se além disso que os objetos e acontecimentos que se apresentam à criança devem ser funcionais, isto significa que a criança deve estar motivada e ter razões para participar das atividades. Neste sentido, Van Dijk alerta sobre o inconveniente de ensinar as habilidades comunicativas separadas do resto das áreas nucleares do desenvolvimento e lembra que as condutas comunicacionais formam parte da totalidade das coisas que faz a criança.

Este enfoque foi desenhado para ser um veículo que favoreça o diálogo da criança com o mundo exterior. A comunicação, para esta linha, só pode ter lugar no marco de uma “relação-mútua-de-movimento-e-ação”.

Neste enfoque, se estabelece uma seqüência de níveis de comunicação, no qual a criança com déficits múltiplos progride no desenvolvimento de sua consciência simbólica.

Dos seis níveis enunciados pelo autor, gostaria de deter-me e ilustrar somente os primeiros, unicamente nos minutos finais de meu tempo de exposição.

O primeiro nível é chamado NUTRIÇÃO, o qual compreende o desenvolvimento de um vínculo social acolhedor entre a criança e outra pessoa. Van Dijk, define a nutrição como aquele nível onde se estabelece um sentimento de segurança, como um “sentir-se em casa como um mesmo e com outro”. O afeto e a estimulação agradável que se recebem de outra pessoa constituem assim a base da relação de confiança. Em minha experiência a partir da Musicoterapia, este nível se torna imprescindível para qualquer ação posterior no plano dos conteúdos pontuais da disciplina profissional. De fato, não desconhecemos a característica essencial que toma o vínculo como plataforma que permite decidir nossas condutas futuras.

O segundo nível é denominado RESSONÂNCIA. É um termo que Van Dijk tomou da Física e denota “um efeito produzido em resposta às vibrações de outro corpo”. O mesmo teórico define a ressonância em termos de movimentos rítmicos que reverberam a partir da criança quando se interrompe bruscamente um estímulo agradável.

A ressonância permite que: Se desperte a atenção da criança e a leva a interagir com outras pessoas, Se desenvolva na criança um conhecimento de como suas atividades podem modificar o meio à sua volta, Se favoreça o estabelecimento de relações positivas com os demais.

A partir do plano musicoterapêutico, a proposta tem em conta a utilização ativa dos ritmos fisiológicos, tais como a respiração e a circulação sangüínea que suscitam respostas naturais. Os teóricos assinalam a necessidade de que o adulto penetre no universo da criança neste nível e desenvolva com ela um diálogo não verbal. Assim, o adulto responde ao comportamento infantil do modo mais natural, em lugar de tentar ensinar à criança condutas comunicativas por si. O objetivo aqui é procurar respostas naturais, e não impor ou modelar respostas artificiais.

Como terceiro nível, dos seis colocados por Van Dijk, tem o MOVIMENTO COATIVO. Este período requer uma separação física entre a criança e o adulto. Os movimentos coativos são os que a criança efetua em paralelo, ao lado de um modelo adulto. Estes movimentos se realizam em uníssono, mas já a criança toma certa distância física do adulto. Este tipo de atividade também é chamado imitação concorrente. Aqui, na proposta original de seus autores, a criança trabalha em consonância com o adulto com objetos e atividades da vida cotidiana. Em minha experiência musicoterapêutica, entendo que seria possível o intento a partir deste período, de valer-se dos objetos conhecidos mais além de seu valor funcional. Por exemplo, com a possibilidade de usar os copos não com seu destino habitual, como o uso para serem preenchidos por líquidos para matar a sede, senão, por exemplo, que estes possam entrecocar-se para iniciar uma ação lúdica. Assim, na descoberta das possibilidades vibratórias de um objeto, começar a instrumentar situações que permitam inaugurar experiências de outra ordem, em definitivo iniciar o caminho até a representação.

O alinhamento de propostas para o trabalho com as crianças que apresentam Múltiplos Impedimentos não é muito antigo. Estas mesmas não têm mais do que uns trinta anos. Por isto, todas as disciplinas, incluindo a Musicoterapia, têm a sua frente o desafio de abordar, experimentar, discutir, hipotetizar, refletir e teorizar qual há de ser sua participação no concerto da transdisciplina. Esta apresentação pretende apenas ser um grão de areia a mais que nos permita realizar esta viagem fascinante de educar e reabilitar as pessoas diferentes, nunca deficientes.

Referencias bibliográficas:

- Mello, António Pinho E - Moreno, Cláudia - Amaral, Isabel Maria (1984) “A criança deficiente auditiva situação educativa em Portugal”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Whriter, J. (1984) “Non-oral, prelinguistic communication skills development in children and youth who are deaf-blind: Past, present and future perspectives”. University of California, San Francisco.
- Van Dijk, J. (1984) “Research on rubella children, Paper presented at the Eighth Conference on Deaf-blind Education”, New York Institute for the Blind, Rochester, NY.
- Whriter, J. (2000) “Aplicación de un enfoque basado en el movimiento a la enseñanza de alumnos deficientes sensoriales y plurideficientes”, Paul Brooks Publishing Co., Inc. Baltimore.
- Orelove-Sobsey Edit. (2004) “Education children with multiple disabilities”, Paul Brooks Publishing, Co. Baltimore.
- TASH Association (2005) “Research and practice for persons with severe disabilities”, Formerly the Journal of the Association for Persons with Severe Handicaps”, JASH, Baltimore. Research and Practice for Persons with Severe Disabilities, Baltimore.

(versão em português: *Ricardo Paes de Figueiredo*)